

## O OUTRO

Dia 2 de setembro "sofri" mais um aniversário. A família providenciou uma festinha, com bolo, canto e tudo o mais. Com relação à vela, só foi posta uma grande. Fossem colocadas todas, a mesa virava uma fogueira e, como a umidade relativa do ar está muito baixa, seria um perigo. Ganhei uns presentes, sabendo que é trabalhoso dar mimos para gente de idade. Fui brindado com 3 livros: "O Rabino", de Noah Gordon, "Na Margem do Rio Piedra Eu Sentei E Chorei", de Paulo Coelho e a "Bíblia Sagrada". Gostei porque os mesmos falam de 3 religiões diferentes: judaísmo, esoterismo e cristianismo, e quem sabe a gente consegue, finalmente, encontrar o almejado caminho do céu. Recebi um presente de rico: bacalhau, com seu perfume sublime, esclarecendo que também sou descendente de português, além de índio e de negro. Vou pedir à minha mulher para dividi-lo, executando o bacalhau à "Gomes de Sá" e o bolinho imperdível. Ganhei umas roupas de frio, licor francês, pão de mel. Um dos filhos me deu dinheiro, a mola mestra do mundo, o que prova que ele está ficando sábio. Mas presentão, com certeza o melhor, veio do filho Perseu, que, na véspera, comunicou que tinha sido promovido, por

merecimento, para o cargo de Procurador de Justiça e quase rebentei de orgulho.

Acho que, não obstante, minha implicância inata e prepotência flagrante, ainda sou um pouco querido: muitos me beijaram e os netos cantaram os "parabéns" na festa e por telefone. Escondi uma lágrima... porque é dramático um velho chorar frente aos descendentes, que pensam que o "patriarca" deve ser forte, perfeito e imortal.

Ganhei também um presente negativo: as noras não implicaram comigo, mas nenhuma até hoje me chamou de pai.

Além de muito carinho, minha esposa me deu um beijo na testa e fez bom-bocado, igualzinho ao que minha Mãe fazia.

Por absoluta impossibilidade, meus pais não compareceram e me senti triste e traído. Fazer o quê? - Apenas, olhar suas fotografias e inundar a alma de pranto.

De uns tempos para cá, tenho tido um pensamento sempre repetido: gostaria muito de mudar minha vida, queria agir diferente do que sempre fiz, alijando a disciplina férrea (de trabalho, conduta, poupança etc.) que me impus. Lendo o grande poeta argentino José Luiz Borges encontrei a mesma idéia, quando ele diz, em versos magníficos, que um homem deve ser autêntico e valente, tendo coragem para, enquanto há tempo, fazer coisas que sempre teve vontade. Propõe o poeta que cada um de nós deve ser meio boêmio, deixando de lado

as normas de conduta, para ser mais livre e feliz. Implicitamente afirma que se deve exorcizar os fantasmas do preconceito e do comportamento, que condicionam a mente e o modo de proceder. Enquanto ainda se tem uns restos de vida, convém cometer uns erros, fazendo pouco caso de eventuais críticas.

A mesma idéia, o mesmo pensamento encontrei no livro do escritor mais vendido no país - Paulo Coelho - "Na Margem do Rio Piedra Eu Sentei e Chorei". Diz ele (fls. 76/77) que reencontrou um velho amigo, que enriquecera, pagara todas as dívidas e proporcionava bebidas para os freqüentadores de um bar. Interpelado, o amigo informou que, até dias atrás, estava vivendo o OUTRO.

- O que é o Outro? - perguntaram.

- O Outro é aquele que me ensinaram a ser, mas que não sou. O Outro acredita que a obrigação do homem é passar a vida inteira pensando em como juntar dinheiro, para não morrer de fome quando fica velho. Tanto pensa, e tanto faz planos, que só descobre que está vivo quando seus dias na Terra estão quase terminando. Mas, aí é tarde demais.

- E você, quem é?

- Eu sou o que qualquer um de nós é, se escutar o seu coração. Uma pessoa que se deslumbra diante dos mistérios da vida, que está aberta aos milagres, que sente alegria e

entusiasmo pelo que faz. Só que o Outro, com medo de decepcionar-se, não me deixava agir.

- Mas existe sofrimento.

- Existem derrotas. Mas, ninguém escapa delas. Por isso, é melhor perder alguns combates na luta por seus sonhos que ser derrotado sem sequer saber por que você está lutando. Quando descobri isto, acordei decidido a ser o que realmente sempre desejei. O Outro ficou ali, no meu quarto, me olhando, mas não o deixei mais entrar - embora tenha procurado me assustar algumas vezes, me alertando para os riscos de não pensar no futuro. A partir do momento em que expulsei o Outro da minha vida, a energia divina operou seu milagre".

Os pensamentos dos dois e mais os meus parecem o distúrbio que é conhecido em psiquiatria, como síndrome de aniversário, quando se quer recuperar o tempo perdido, fazendo tudo aquilo que se teve vontade.

Sei que a luta é brava, por que tenho de vencer meus hábitos, meus medos, meus temores. Mas, vou tentar expulsar o Outro da vida que me resta. Quem sabe eu consiga esse milagre, divino por certo.